

O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL NA UESB – CAMPUS JEQUIÉ: O QUE NOS DIZ ESTA PRÁTICA QUANDO REFLETIMOS SOBRE ELA?

Roberta D'Angela Menduni Bortoloti - UESB – robertamenduni@yahoo.com.br

Maria Nilsa Silva Braga – UESB- nilsbraga@ig.com.br

RESUMO

Esse trabalho é um relato da experiência vivenciada nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do Ensino Fundamental do Curso de Licenciatura em Matemática com enfoque em Informática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – campus de Jequié, nos semestres 2007.1 e 2007.2. Nosso objetivo é apresentar como foram pensadas e organizadas as atividades que foram desenvolvidas por nós professoras e alunos-estagiários. Baseamo-nos em Pimenta e Lima (2004) quando apresentam as concepções sobre estágio, pois acreditamos que estas são os alicerces que irão sustentar todo o processo de construção da prática docente. Por isso, necessitamos refletir com os alunos sobre o que estamos aprendendo e o que estamos ensinando, pois assim temos a oportunidade de pensar o estágio como um espaço de investigação para o docente e o futuro professor de matemática, fazendo de nós profissionais intelectuais críticos e reflexivos (PIMENTA; LIMA, 2004).

Palavras-Chave: Formação de Professores. Estágio. Ensino de Matemática.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir do que foi desenvolvido durante as disciplinas de Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I e II, onde atuamos como professoras. O objetivo é relatar nossa experiência no acompanhamento dos alunos durante o período de estágio.

O Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9394/96), sendo necessário à formação profissional a fim de adequar às expectativas do mercado de trabalho onde o licenciado irá atuar. Conforme a resolução do CNE/CP 1/2002, deverá ser realizado em escolas da Educação Básica, não no último ano do curso, como era desenvolvido no sistema 3 +1. Esta resolução em seu artigo 13 diz:

§ 3º O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio.

Nesta Resolução é salientada a avaliação do estágio entre a Universidade (em nosso caso) e as escolas em que realizamos os estágios. Isso já demarca uma intenção de se estabelecer relações mais profundas entre a comunidade escolar e a acadêmica.

A Resolução CNE/CP 2/2002 institui 400 horas de estágio curricular supervisionado, e diz que durante sua realização deverá articular teoria e prática. Na medida do possível, fizemos esta articulação através dos projetos de ensino, como está previsto na Resolução do CONSEPE nº 98/2004 em seu Artigo 2º: “O Estágio Supervisionado obrigatório é a prática pedagógica desenvolvida obrigatoriamente na modalidade de projeto de ensino [...] em conformidade com o Projeto Pedagógico do Curso” (Resolução CONSEPE nº 98/2004, p. 01 – UESB).

De acordo com as autoras Pimenta e Lima (2004, p.102), “O estágio pode ser um espaço de convergência de experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência, mediada pelas relações sociais historicamente situadas”. Nesse sentido o estágio favoreceu a vivência e promoveu o desenvolvimento no campo profissional dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos por estes alunos-estagiários.

O Curso de Licenciatura em Matemática com enfoque em Informática da UESB, campus Jequié, apresenta as disciplinas relacionadas ao estágio da seguinte forma: Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I (90 horas-aulas) no 5º semestre; Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental II (105 horas-aulas) no 6º semestre; Estágio Supervisionado do Ensino Médio I (105 horas-aulas) no 7º semestre e Estágio Supervisionado do Ensino Médio II (105 horas-aulas) no 8º semestre, o que totaliza 405 horas-aulas.

Como nossa experiência se deu no estágio referente ao ensino fundamental, discutiremos, abaixo, como as ações foram encaminhadas:

- Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I: com carga horária total de 90 horas, distribuída em teóricas (45 horas/aulas) e práticas (45 horas/aulas). As aulas teóricas foram aquelas em que o professor da disciplina se encontrava com os alunos coletivamente na Universidade com um horário estabelecido pelo colegiado e de forma individual em horários combinados entre eles.

Nas aulas com horários fixos, se discutia aspectos teóricos e metodológicos presentes nas práticas pedagógicas do ensino de matemática, bem como, as dificuldades encontradas por eles nesta nova realidade. No atendimento individual avaliávamos os planos de aulas, e quando necessário, apresentávamos sugestões para que inserissem “novas” metodologias de ensino, além de refletirmos sobre conceitos matemáticos que

os alunos-estagiários trabalhariam na escola (campo do estágio) na forma de conteúdos. Também orientávamos sobre a relação professor-aluno; a forma de avaliá-los e os instrumentos que utilizariam e como procederiam quando uma situação se apresentasse como complexa, por exemplo, a indisciplina (SANTOS, 2007).

Já nas aulas práticas, em que o aluno foi para a escola, distribuímos às 45 horas da seguinte maneira: 04 horas/aulas em cada série, ou seja, de 5ª a 8ª séries, totalizando 16 horas/aulas de observação; 02 horas/aulas para realizarem uma entrevista com um professor; ou coordenador/diretor ou com um aluno de qualquer série; 27 horas/aulas para co-participar, sendo que destas somente 2 horas/aulas poderiam ser contadas para o aluno que participasse do AC – acompanhamento com a coordenação - na escola, junto com o professor. Desta forma, restariam 25 horas/aulas para a co-participação.

A **ementa** da disciplina se configura da seguinte forma: identificação, análise individual e/ou interpretação das formas de atuação do professor de nível fundamental em Matemática; a observação e co-participação nas classes do Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos) e uma análise e discussão de situações didáticas.

Tivemos como objetivos gerais questionar a realidade, através da observação, coleta e análise de dados, articulando permanentemente no campo de estágio os conceitos teóricos estudados nas demais disciplinas do currículo do curso.

Nesta disciplina nos preocupamos em discutir o que vem a ser o estágio; qual a concepção de cada aluno; apresentar, segundo a literatura, as concepções que se configuram e estabelecer relações entre suas percepções e a teoria estudada. Além disso, construímos três roteiros de entrevista para que, em grupo, os alunos investigassem quem são as pessoas que ocupam o “lugar” de coordenador; professor de matemática e aluno. Discutimos também sobre o que observar e como registrar o que se observa. Trabalhamos com o capítulo 3: Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental de Menga e Lüdke (1986). Só não exploramos o último item porque não era interesse da disciplina.

A partir daí, foi entregue a eles um roteiro com itens a serem observados na escola a fim de que conhecessem esta realidade, que se estende além da sala de aula. Este roteiro foi dividido em dois aspectos:

- Panorama da Instituição: condições físicas da escola; merenda escolar; sala dos professores; conselho de classe; biblioteca; livro didático; laboratórios; quadras; projetos em desenvolvimento; equipe pedagógica; quem são os funcionários (desde o porteiro ao diretor) e o projeto político pedagógico da escola;

- em sala de aula: características da classe; relacionamento da turma com o professor; avaliação do docente; técnicas e recursos utilizados por ele; atividades de ensino e conteúdos.

Quando os alunos co-participavam, e nesta co-participação eles iriam iniciar um conteúdo, eles apresentavam para nós um esboço dessa aula, ou seja, os objetivos, a metodologia, os recursos didáticos e descreviam como desenvolveriam a aula.

Os alunos-estagiários faziam a partir de cada aula, suas observações e comentários, pois este material produzido fazia parte do relatório que eles entregavam como uma das avaliações da disciplina. Além deste, os alunos eram avaliados pela professora da escola (ela preenchia uma ficha construída por nós professoras) e pelos textos dirigidos trabalhados em sala de aula.

- **Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II:** com carga horária total de 105 horas/aulas distribuídas em teóricas (45 horas/aulas) e práticas (60 horas/aulas). As aulas teóricas foram semelhantes as descritas na disciplina acima. Já as práticas, distribuímos da seguinte forma: escolhida uma série (preferencialmente a que ele co-participou durante o estágio supervisionado no ensino fundamental I) ele fazia: 08 horas/aulas de observação; 08 horas/aulas de co-participação; 28 horas/aulas de regência e mais 06 horas/aulas destinadas a um planejamento e execução de um mini-projeto para se trabalhar com a informática no ensino de matemática. Porém, como no ano de 2007 houve greve tanto na educação básica (esfera estadual), como no ensino superior, adaptamos a distribuição da carga horária. Fizemos, na Universidade, calendário especial para que as aulas do estágio acompanhassem as aulas das escolas municipais, que não fizeram greve. Com isso, tivemos uma diminuição de 10 horas na parte prática, aumentando a parte teórica. Por tanto, realizou-se 55 horas/aulas na Universidade e 50 horas/aulas nas escolas, totalizando 105 horas/aulas.

A **ementa** compõe-se de: Projeto de curso em nível de Ensino Fundamental envolvendo conteúdos pertinentes. Observação, co-participação e docência supervisionada nas classes do Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos), integrando atuação e reflexão.

Nosso objetivo geral foi proporcionar ao aluno vivências reais do processo educativo, compreendendo a identidade profissional e as necessidades específicas da docência.

Tivemos a preocupação em apresentar algumas metodologias para o ensino de matemática, a fim de embasar as práticas metodológicas dos futuros professores, foram elas:

- Resolução de Problemas: texto de Onuchic (1999), além disso, convidamos uma professora da rede municipal para apresentar os resultados de sua pesquisa de monografia (especialização), já que tinha trabalhado com esta perspectiva em sala de aula;
- Aulas Investigativas, segundo a proposta de Ponte, Brocardo e Oliveira (2005);
- Jogos: exploramos, segundo Lara (2003), as potencialidades deste recurso discutindo: definição; funções; ganhos com o seu uso; quando usar; cuidados que devemos ter ao escolher os jogos e os tipos de jogos;
- A informática na aula de matemática: Trabalhamos com o texto de Penteadó (1999) que apresentou o que mudou na prática e nas concepções de professoras quando o computador foi inserido na escola, no programa da escola, na aula de matemática. Foi proposta também uma oficina, utilizando o software geogebra, com uma professora de nosso departamento, da área de matemática.

Na matriz do curso há disciplinas que trabalham com as tendências metodológicas, por isso não aprofundamos, nem apresentamos outras. Tivemos que fazer essa breve abordagem porque nem sempre os alunos chegam neste semestre tendo cursado estas disciplinas.

A avaliação da disciplina Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental II contou com os seguintes instrumentos: relatório final do estágio; média das nossas notas ao assistirmos cada aula desempenhada pelos alunos-estagiários e da professora da sala e média das notas alcançadas nos planos que os alunos apresentavam. Além disso, vale ressaltar que os alunos apresentaram, para os colegas no final da disciplina, a aula que ele desenvolveu que mais lhe chamou atenção e o porquê.

O que aprendemos com esta prática?

A orientação proposta por nós durante as disciplinas foi feita por meio de um acompanhamento constante das aulas durante os períodos de observação, co-participação e regência dos alunos-estagiários, tendo como objetivo comparar a concepção do aluno sobre o estágio antes e depois de cursarem a disciplina e criar condições para que os estagiários atuassem com maior segurança e visão crítica em seu campo de trabalho.

Iniciamos, investigando nossos alunos, sobre a concepção de estágio que cada um tinha. Para isso, pedimos que respondessem a seguinte questão: O que é estágio para você? Esta atividade foi feita antes da apresentação do programa e de qualquer discussão teórica sobre o assunto. Devido à importância que esta concepção tem na formação do futuro professor de matemática e que irá interferir na maneira de preparar suas aulas, colocamos em discussões as diferentes concepções de estágio que as autoras Pimenta e Lima (2004) abordam. São elas:

- O estágio visto pela prática como imitação de modelos que: “reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem preceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 36). Nessas condições o estágio fica caracterizado pela reprodução, gerando o conformismo, limitando-se a sala de aula, sem analisar o contexto escolar;

- O estágio visto pela prática como instrumentalização técnica. Nessa perspectiva as autoras colocam que o exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias, e o estágio nessa perspectiva fica reduzido unicamente ao momento da prática, ao “como fazer”. Ainda conforme as autoras Pimenta e Lima (2004, p. 37): “A prática pela prática são isoladamente, o que gera equívocos graves nos processos de formação profissional [...] e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”;

- O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio: “se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem posturas e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhe permita ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 46). Estas autoras defendem o estágio como pesquisa porque as duas concepções apresentadas anteriormente não atendem mais as exigências do momento atual. Enquanto que nesta concepção o estágio possibilita ao aluno fazer uma ação-reflexão-ação durante suas aulas.

O estágio abre espaço para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir desta vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 51).

Apresentamos agora a concepção do aluno Mateus (nome fictício, para preservar sua identidade) sobre **estágio**, obtida na primeira aula da disciplina Estágio Supervisionada no Ensino Fundamental I:

É o momento em que o aluno pode aplicar numa sala de aula o que aprendeu durante seu curso, conhecendo e vivenciando situações do dia-a-dia de um professor regente, para posteriormente atuar efetivamente (Mateus).

Percebemos que o aluno apresentou indícios da concepção instrumentalista, pois segundo Pimenta e Lima (2004) a preocupação está em como fazer, em colocar em prática o que aprendeu, ou seja, aplicar na sala de aula a teoria aprendida durante o curso. Seis meses depois:

É o momento em que o “professorando” concretiza seus anseios com relação à sua futura profissão, reafirmando suas concepções em optar por ser professor, vivenciando agora, numa sala de aula todas as incertezas, alegrias e inúmeras situações possíveis, planejadas ou não (Mateus).

No texto das autoras Pimenta e Lima (2004) trabalhado em sala: “Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão” o aluno traz para a resposta elementos de sua reflexão entre a teoria (texto) e a prática (o que vivenciou no estágio), pois as autoras dizem que o estágio se constitui “[...] em possibilidade de reafirmação da escolha por essa profissão e de crescimento, a fim de que, ao seu término, os alunos possam dizer ‘abram alas para minha bandeira’, porque está chegando a minha hora de ser professor” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 100).

Não faremos o enquadramento desta resposta a uma concepção de estágio, apresentada neste texto, por que este aluno está construindo esta concepção, ele só vivenciou um período de estágio. Mas, podemos afirmar que ele reflete sobre suas ações, sobre o que estava desenvolvendo na disciplina e sobre a escolha por sua profissão.

Ao longo dessa primeira experiência foi possível perceber que acompanhar e supervisionar nossos alunos assistindo quase a todas as aulas, contribui para uma reflexão quanto às formas de ensino e seus desdobramentos, visando o pleno desenvolvimento do futuro professor. De acordo com os relatos dos nossos alunos-estagiários, o estágio contribuiu no sentido de se tornarem reflexivos, que identifica problemas, questiona valores, observa o contexto político e social da escola, participa no desenvolvimento curricular, sem esquecer a relevância que o trabalho em conjunto tem em todo este processo de reflexão e evolução profissional.

Estes alunos, juntamente conosco, selecionaram, organizaram e apresentaram na escola em que desenvolveram o período de estágio os pontos fortes e os pontos fracos, segundo opinião dos mesmos. A pedido da escola fizemos o retorno dos dados

coletados a partir de nossos olhares curiosos. Podemos dizer que foi estabelecido uma relação de amizade, cumplicidade e confiança entre nós (professores da Universidade, alunos-estagiários) e os professores, coordenadora e diretora da escola - campo de estágio.

O crescimento foi muito grande. Descobrimos, nós e os alunos-estagiários o potencial que possuem, pois nos orgulhamos com sua busca, insistência, persistência quando as aulas não aconteciam como planejadas, quando o sistema da escola não contribuía (professores que faltavam e aulas que eram redistribuídas, modificando o horário) e quando os alunos buscaram inovar em um meio em que tudo ainda era desconhecido.

REFERÊNCIAS

BRASIL Ministério da Educação. Resolução CNE/CP 1/2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 09 abr. 2002. Seção1, p.31.

BRASIL Ministério da Educação. Resolução CNE/CP 2/2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 mar. 2002. Seção1, p.9.

LARA, I. C. M. **Jogando com a Matemática**. SP: Rêspel, 2003.

LUDKE, H. A. & ANDRÉ, M. E. D. A. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

ONUCHIC, L. de la R. Ensino-Aprendizagem de Matemática através da Resolução de Problemas. In: BICUDO, M. A. V. (org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. SP: Editora Unesp, 1999. Cap.12, p. 199-218.

PENTEADO, M. G. Novos atores, novos cenários: discutindo a inserção dos computadores na profissão docente. In: BICUDO, M. A. V. (org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. SP: Editora Unesp, 1999. Cap.17, p. 297-313.

PIMENTA, Selma Garrido. & LIMA, M. Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. SP: Cortez, 2004.

PONTE, João Pedro da; BROCARD, Joana & OLIVEIRA, Hélia.. **Investigações matemáticas na sala de aula**. BH: Autêntica, 2005.

SANTOS, Catarina Angélica S. A sala de aula de matemática: indisciplina e subjetividade. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 30., 2007, Caxambu. Anais ... Caxambu: ANPED, 2007, GT 20.